

Mito, rito e teatro vivenciado

Texto incluído no programa de apresentação da peça «Eróstrato», de Pedro Barbosa, pela Companhia Seiva-Trupe, em 1986

DEPOIMENTO

"O mais importante no Teatro é, sem dúvida, uma espécie de ritual sagrado do espanto/horror a que tanto a temática como a encenação se associam."
JOCHEN BERG

"... e eu penso que o espectáculo fracassou, julgo mesmo que não aconteceu Teatro, quando o público numa posição crítico-recreativa não se converteu de algum modo na parte integrante da criação."
GIORGIO STREHLER

1- Do mito

Esta peça não é uma peça sobre a Morte, mas sobre a Vida falando na morte: só conhecemos o dia porque a noite existe.

Do instinto de vida nasce a revolta contra a morte. Mas na revolta contra a vida fundeiam também todas as pulsões de morte.

Eros e Tánatos. Amor e morte. Criação, destruição. Se estas forças interiores polarizam no fundo de nós os fantasmas mais avassaladores, que melhor meio para os exorcizar do que o teatro? E quem, melhor do que a figura lendária de Heróstrato, para lhes dar o corpo e renovar a acção?

Se o grego Heróstrato não foi parar ao Olimpo clássico dos mitos, não foi por não ser um mito ou por o seu nome se ter tornado inominável: foi por não ser um deus, nem um semideus, mas apenas um homem nas suas contradições e nas suas abjecções.

Porém, ao contrário do que diz a lenda, Heróstrato não foi esse efesiano obscuro cuja única paixão terá sido um acto de destruição gratuito ou o desejo de se evidenciar. Ele foi o primeiro grego a descobrir a História quando se deu conta de que o Céu lhe

faltava: não só se revoltou contra os deuses como se indignou contra os homens (e não foi pelo primeiro mas pelo segundo dos crimes que foi condenado...). É aqui que intervém o seu instinto - ou o seu cálculo - destruidor, pondo em jogo toda a dialéctica subtil que se instala entre criação e destruição: não foi à paixão da destruição que ele se expôs, mas à paixão da destruição criadora - o contraponto negativo da paixão criadora. Arrancando a máscara da hipocrisia, ele teve a coragem de revelar aos seus semelhantes que Eros e Tánatos o dominavam: e ao ceder a Tánatos - ao prazer de Tánatos - os outros não lhe perdoaram o privilégio desse gozo que a eles permanecia interdito.

É neste sentido que pessoalmente interpreto como um mito a lenda do mais célebre incendiário da História: não foi como um crime que ele se entregou à destruição do templo de Artemisa, mas como um acto simbólico. O seu gesto obedeceu à secreta dinâmica do mito: de um mito ainda hoje tão vivo que o simples facto de o não reconhecermos como tal parece revelador. Não é próprio dos mitos, enquanto estão vivos, o serem socialmente ignorados? Não continuemos a difamar Heróstrato, como fizeram os seus concidadãos. Será leviandade nunca evocarmos a sua memória senão a propósito daqueles que por este mundo fora, só para se fazerem notar, atiram com pastéis de nata à cara do Papa ou pintam bigodes à Gioconda... Heróstrato é uma personagem bem mais trágica: ele é o homem que busca ainda a transcendência, mesmo quando perdeu a fé nela - é o rosto humano do desespero e do furor.

2- Do rito

Todo o mito pede a investidura do rito.

O rito é o mito em acção: o seu corpo, a sua vivência. Mas ele é também exorcismo do mito: naquilo precisamente que este encerra de recalcado e de interdito.

E é aqui que entra o Teatro: o Teatro como um RITO, ou, se se preferir, como VIVÊNCIA de um mito.

É para aí, com efeito, que a proposta contida nesta peça mais directamente aponta: para um TEATRO-VIVÊNCIA. Uma vivência estética que visa envolver o espectador, comprometendo-o na própria acção a encenar: em que o Imaginário lança âncoras sobre o público, ao ponto de o poder fazer participar e agir por sua conta e risco.

Um risco a correr, e em que tão afoitamente se empenhou a Companhia que ora o põe em cena pela primeira vez, sem esquecer o notável esforço exigido sobretudo ao Actor

que o protagoniza. Neste sentido, e para lá das inúmeras dificuldades que tiveram de ser vencidas, é uma aventura a empreender. Uma aventura teatral, cujo resultado vai agora depender em última instância do público, já que tudo o mais nele se apoia, como co-participante que em certa medida também pode vir a ser.

Que este rito teatral possa constituir um lugar onde todos em conjunto possamos exorcizar os fantasmas do lado de Tánatos que nos habitam, para que Eros irrompa na Vida com redobrada limpidez.

APÊNDICE

Dos jornais:

Muitas, permanentes, sem número, são as notícias de casos anónimos emergindo repetidamente a partir da vida quotidiana.

Tratar-se-á aqui de um padrão de comportamento universal? Um verdadeiro "complexo de eróstrato"? Um mito? Um arquétipo enraizado no inconsciente colectivo?

Eis só um exemplo.

«JN», 25 Setembro 1995 – «Em França, numa localidade de província, um jovem de 16 anos mata 14 pessoas à martelada e a tiro de caçadeira, disparando pelo caminho ao acaso! Alguns anos antes, outro PSICOPATA assassinara também a tiro, friamente, uma trintena de pessoas, e depois do MASSACRE foi considerado pelo tribunal INIMPUTÁVEL e internado num ASILO PSIQUIÁTRICO, onde se encontra ainda...»

Dois textos clássicos:

"EROSTRATUS"

No entanto, é admissível pensar que existe uma forma grandeza em Heróstrato - uma grandeza que ele não partilha com individualidades de menor craveira que irromperam na fama. Grego como era, pode conceber-se que possuísse a delicada percepção e o calmo delírio de beleza que distinguem ainda a memória do seu clã de gigantes. Pode-se, portanto, conceber que lançasse fogo ao templo de Diana num êxtase de dor, parte dele ardendo na fúria da sua empresa errónea. [...]

Do ponto de vista moderno, tal acto pode parecer apenas revoltante, humanamente falando, pois não somos crentes, e quando, desde os Românticos, desafiamos Deus e o inferno, desafiamos coisas que para nós estão mortas, pelo que o nosso repto se dirige a cadáveres. Mas nenhuma coragem humana em qualquer campo ou mar em que os homens se mostrem arrojados por mera ousadia se pode comparar com o horror dessa iniciação. [...]

É assim que podemos conceber Heróstrato, com a diferença que a tensão do amor da beleza é uma coisa menos forte do que a convicção de uma verdade sentimental. Concebamo-lo, pois, assim, para que justifiquemos a rememoração.

É que, se Heróstrato assim procedeu, ingressa imediatamente na assembléia de todos os homens que se tornaram grandes pelo poder do seu individualismo. Faz o sacrifício do sentimento, da paixão, que caracteriza a vereda para a imortalidade. Sofre para que o seu nome possa gozar, como Cristo, que morre como homem para poder provar que é o Verbo.

FERNANDO PESSOA

«Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias»

"A FUNÇÃO DO MITO" <fragmentos>

1- Amor e morte

Existe em cada organismo uma vontade de viver, mas existe simultaneamente uma secreta aquiescência ao abandono da consciência e da vida, as duas tensões que, por uma dupla ruptura de equilíbrio, o levaram à sua existência. Também "o fim para que tende toda a vida é a morte", pois o indivíduo, por razões internas, deseja o repouso, o equilíbrio das tensões químicas, a insensibilidade, a inconsciência da morte. É o complexo de Nirvana. «Com uma pequena dose de especulação», escreve Freud, «chegamos à conclusão de que esse instinto age em todos os seres vivos e tende a levá-los à destruição, a conduzir a vida ao estado de matéria inanimada. Uma tal tendência merece, sem dúvida, o nome de instinto de morte.» Mas há mais, pois a concepção biológica que permite afirmá-lo, explica também, por seu lado, que o coito prefigure a morte. Com efeito, distingue-se na substância viva uma parte mortal, o *soma*, na linguagem de Weissmann, e uma parte virtualmente imortal constituída, nos organismos superiores, pelas células sexuais, susceptíveis de se rodearem perpetuamente por um novo *soma*, enquanto todas as outras células envelhecem e morrem de acordo com um ritmo temporal específico. A cópula é, pois, de certo modo, uma perda de imortalidade, um profundo factor de morte: o seu engodo dialéctico. Com efeito, «a eliminação do sémen no decurso do acto sexual», escreve ainda Freud, «corresponde, em certa medida, à separação entre o soma e o plasma germinativo. É por isso que o estado que se segue à satisfação sexual completa se assemelha à morte e é por isso que, nos seres inferiores, a morte se segue imediatamente à procriação». Com efeito, entre os insectos, sobretudo as borboletas, o macho morre imediatamente após a fecundação, depois de assegurada a reprodução da espécie.

2- O herói mítico

Não se pense, pois, distinguir a mitologia das situações e a dos heróis. As situações míticas podem então ser interpretadas como a projecção de conflitos psicológicos (que cobrem, frequentemente, os complexos da psicanálise) e o herói como projecção do próprio indivíduo: imagem ideal de compensação tingida de grandeza a sua alma humilhada.

O indivíduo surge, com efeito, atormentado por conflitos psicológicos que variam, naturalmente (mais ou menos, de acordo com a sua natureza), com a civilização e o tipo de sociedade a que pertence. Na maior parte dos casos, ele encontra-se inconsciente destes conflitos, visto que são, geralmente, parte integrante da própria estrutura social e resultado da coacção que ela exerce sobre os desejos elementares. Pela mesma razão, e mais grave, o indivíduo encontra-se na impossibilidade de sair dos seus conflitos, visto não poder fazê-lo senão através de um acto condenado pela sociedade e, por conseguinte, por si próprio, cuja consciência está fortemente marcada e constitui, de algum modo, a garantia das interdições sociais. O resultado é ele ficar paralisado face ao acto tabu, delegando a sua execução ao herói.

É tempo, pois, de atribuir sentido à noção de herói: no fundo, ela decorre da própria existência das situações míticas. O herói é, por definição, aquele que fornece a estas uma solução, uma saída feliz ou infeliz.

O indivíduo sofre, antes de mais, por não sair do conflito de que é vítima. Qualquer solução, violenta ou mesmo perigosa, lhe parece desejável: mas as proibições sociais tornam-na impossível, mais psicológica do que materialmente. Ele põe então o herói no seu lugar: e este, por natureza, é aquele que viola as proibições. Humano, seria culpado, e mítico, não deixa de o ser: fica sujo pelo seu acto e a purificação, se necessária, nunca é completa. Mas à luz especial do mito, a grandeza, ele surge incondicionalmente justificado. O herói é, pois, aquele que resolve o conflito em que o indivíduo se debate: daí o seu direito superior, não tanto ao crime, como à culpabilidade, sendo a função dessa culpabilidade a de agradar ao indivíduo que a deseja mas não a pode assumir.

3- Do mito ao rito

Mas o indivíduo não pode contentar-se sempre com essa satisfação, necessita do acto, ou seja, ele não poderia manter eternamente uma identificação virtual com o herói, uma satisfação ideal. Exige a identificação real, a satisfação de facto. É assim que o mito surge frequentemente acompanhado por um rito, visto que se a violação do interdito é necessária, só é possível na atmosfera mítica, e o rito introduz aí o indivíduo.

Apreende-se aqui a essência da festa: constitui um excesso permitido através do qual o indivíduo se encontra dramatizado e se torna o herói, o rito realiza o mito e permite a sua vivência. É essa a razão por que se encontram fortemente ligados: na verdade, a união é indissolúvel e, de facto, a separação sempre foi a causa da sua decadência. Separado do rito, o mito perde, se não a sua razão de ser, pelo menos o melhor da sua força de exaltação: a capacidade de ser vivido.

Passa a ser literatura apenas, como a maior parte da mitologia grega na época clássica, tal como os poetas a transmitiram, irremediavelmente falsificada e normalizada.

ROGER CAILLOIS
«O Mito e o Homem»

© *Copyright Pedro Barbosa, 1986*